



O jogo de vozes no texto de opinião e a construção do ponto de vista

Thiago Jorge Ferreira Santos*

Resumo: Este trabalho é produto de nossa pesquisa em Iniciação Científica, que teve como objetivo analisar a modo pelo qual articulistas, dentro de seus lugares sociais, constroem e defendem o seu ponto de vista em textos de opinião, mobilizando as estruturas da língua. Para a análise, utilizamos o quadro teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, 1999, 2003, 2004, 2006, 2008), chamado de folhado textual, no qual, a partir do contexto de produção textual, três camadas são analisadas: a infraestrutura geral do texto (o plano global do conteúdo temático, os tipos de discurso e as sequências textuais), os mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e coesão verbal) e mecanismos enunciativos (vozes e modalizações). Nesse sentido, este artigo tem por objetivo apresentar a problemática das vozes no ISD para a análise de textos pertencentes ao gênero textual artigo de opinião, articulando-a com a construção do ponto de vista nestes textos. Os textos serão retirados dos jornais “Folha de S. Paulo” e o “Estado de S. Paulo”. Para isso, primeiramente, exporemos a definição do ISD no quadro mais geral do interacionismo social e suas teses centrais. Em seguida, apresentaremos o modelo de análise textual e discursiva do ISD para a análise de textos, enfatizando o modo pelo qual a teoria trata a questão das vozes. Finalmente, analisaremos dois artigos de opinião de mesmo conteúdo temático, porém com pontos de vista distintos, para exemplificarmos a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo para o tratamento das vozes.

Palavras-chave: gestão de vozes, gênero textual, gênero artigo de opinião, interacionismo sociodiscursivo, ponto de vista

Introdução

Este artigo é resultado de nossa apresentação no III EPED (Encontro de Pós-graduandos em Estudos Discursivos da USP – O gênero em diferentes abordagens discursivas), cujo objetivo foi trazer elementos do Interacionismo Sociodiscursivo¹ por meio de suas teses centrais e de sua abordagem metodológica, mostrando, através de um artigo de

opinião, a aplicação do método de análise textual e discursiva dessa teoria.

Este trabalho e a apresentação que o gerou são resultados obtidos em nossa pesquisa de Iniciação Científica, que consistiu em estudar o gênero artigo de opinião, em particular, cinco artigos em Língua Francesa e cinco artigos em Língua Portuguesa, de mesmo conteúdo temático, extraídos, respectivamente, dos jornais “Le Monde” (para os artigos em francês) e “Folha de S. Paulo”, “O Estado de S. Paulo” (para os artigos em português), visando a encontrar

¹ Doravante ISD.

características comuns (ou não) a esse gênero textual, que possibilitem uma leitura do agir nesses dois conjuntos de textos polêmicos, em ambas as línguas, como aporte para os estudos de leitura argumentativo-opinativa.

Os artigos de opinião foram analisados tendo como base teórica nuclear as posições do chamado Interacionismo Sociodiscursivo tal como expostas por Bronckart (1999, 2003, 2006, 2008) e Bronckart e Machado (2004).

Em nossas análises realizadas em pesquisas anteriores, constatamos a importância das vozes para a compreensão dos diferentes pontos de vista que constituem o texto opinativo da mídia. Por isso, objetivamos, neste artigo, mostrar, através de dois artigos de opinião sobre o mesmo conteúdo temático, o modo pelo qual os articulistas gerem as vozes que semiotizam no texto e, por meio delas, deixam entrever o seu ponto de vista.

Como constatado por Cunha (2005, p. 166), a leitura visando a mostrar o funcionamento das vozes em textos de opinião é ainda pouco abordada na escola; dessa forma, o nosso estudo poderia permitir que os alunos se posicionassem ativamente diante textos de opinião, de modo que possam construir enunciados significativos e que interajam com textos e com vozes sociais.

Nosso artigo está dividido da seguinte maneira: primeiramente, discorreremos sobre a teoria do ISD, mostrando algumas de suas postulações e o modelo de análise dessa teoria, enfatizando o modo pelo qual é teorizada a questão das vozes; depois, descreveremos os dois artigos de opinião escolhidos, para, em seguida, determo-nos na análise das vozes que circulam nestes textos. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

1. O interacionismo sociodiscursivo

O ISD é uma corrente do interacionismo social, aceitando, deste modo, todos os seus princípios fundadores. A especificidade do ISD é a de postular que o problema da linguagem é absolutamente central, visando a demonstrar que as práticas de linguagem situadas são instrumentos do desenvolvimento humano, tanto em relação aos conhecimentos e aos saberes quanto em relação às capacidades do agir e da

identidade das pessoas (Bronckart, 2006). A teoria é pensada tendo em vista as postulações, sobretudo, de Spinoza, Marx, Engels e Vygotsky, mas, também, postulações de teorias filosóficas como as de Wittgenstein, Anscombe, von Wright, Ricoeur e, especialmente, Habermas, entre outros; em teorias econômicas e sociológicas, com as de Elster, Leibniz, Weber, Durkheim, entre outros; e, finalmente, o ISD dialoga com teorias psicológicas como a de Piaget, Leontiev e Wallon (Bronckart, 2008).

O ISD, segundo Bronckart (2003, p. 56), entende que a consciência e as funções psíquicas superiores do homem (sobretudo o pensamento e a linguagem) são o produto da apropriação e, posteriormente, da interiorização das propriedades das diferentes formações sociais nas quais todo ser humano se encontra necessariamente inserido. Esse processo de interiorização, por sua vez, se realiza no quadro estrutural que constitui a ação humana e por um meio, que é o das produções semióticas, em particular as produções verbais. Ao lado dessas características genéticas, a consciência humana é, em consequência, uma estrutura além de histórico-cultural, além de igualmente semiótica.

O ISD entende que as duas maiores unidades de análise da psicologia são: as ações e os textos. As primeiras são sequências organizadas de comportamentos, isoladas no fluxo contínuo da atividade de um grupo, pelo mesmo fato que elas são atribuíveis a um agente particular. A atribuição de uma ação a um agente decorre das avaliações sociais em comportamentos em atividade nas sociedades humanas; é o ambiente social que atribui aos agentes intenções, razões e fins etc. Os textos, por seu turno, são sequências organizadas de comportamentos orais ou escritos atribuíveis a um agente particular num contexto determinado de ação. O ISD postula, deste modo, que a relação entre os textos pode ser descrita como relações de mediação, uma vez que o texto é mediador da ação.

O texto seria, de acordo com o exposto acima, uma unidade de produção de linguagem situada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação), quer dizer, cada texto exhibe uma determinada organização de seu conteúdo referencial que veicula uma mensagem organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. E,

na medida em que cada texto se inscreve em um conjunto de textos, ele pertence, segundo o ISD, a um gênero textual (Bronckart, 1999).

O modelo de análise textual e discursiva do ISD, chamado de folhado textual, é apresentado por Bronckart (1999) em *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*, e a respeito do qual discorreremos no próximo tópico.

1.1. O modelo de análise de textos no ISD

Para Bronckart (1999, p. 93), em uma situação de linguagem, deve-se levar em conta as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) que exercem influência sobre a produção textual. Os mundos são representações sociais que são percebidas por um conjunto de indivíduos ou por um indivíduo particular. Assim, o produtor do texto deverá mobilizar algumas representações sobre esses mundos em dois parâmetros: o contexto de produção e o conteúdo temático do texto que ele quer produzir. Ao pensar sobre o contexto de produção, o agente produtor refletirá sobre o mundo físico de produção, compreendido pelo:

- a) lugar físico de produção, ou seja, o local onde o texto é produzido;
- b) momento de produção, ou a duração temporal na qual o texto foi escrito;
- c) emissor, ou a pessoa que fisicamente produziu o texto;
- d) receptor, ou a pessoa que fisicamente recebe o texto.

Além das reflexões acerca do mundo físico, o produtor deverá também refletir sobre o mundo social e

subjetivo, portanto, sobre o contexto sociossubjetivo, entendido da seguinte forma:

- a) lugar social: em que ambiente de interação o texto é produzido;
- b) posição social do produtor: o papel social desempenhado na interação (professor, jornalista, patrão);
- c) posição social do receptor;
- d) objetivo da interação.

O produtor de um texto deve tomar decisões na execução da produção textual, pensando em estratégias para melhor desempenhar a ação comunicativa de linguagem pretendida. Primeiramente, o produtor do texto deverá ter em vista o quadro contextual (acima descrito), ou seja, ele deverá refletir sobre a situação de ação de linguagem em que ele está inscrito, sobre o contexto de produção e no “assunto”, isto é, o conteúdo temático que o agente produtor quer produzir, de acordo com os parâmetros dos mundos físico e sociossubjetivo.

Após essa primeira reflexão, o produtor do texto deve escolher um gênero textual disponível no intertexto para, a seguir, articular o plano geral do texto, os tipos de discurso que serão organizados através das sequências e/ou outros tipos de planificação (Bronckart, 1999). A reflexão sobre cotexto, que compreende o quadro das escolhas referentes aos tipos de discurso e às sequências textuais, é chamado por Bronckart (1999, p. 119) de infraestrutura geral de um texto, formando, segundo o autor, juntamente com os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos, o folhado textual, isto é, três camadas que configuram a organização dos textos (ver figura 1):



Figura 1: O folhado textual

1.2. A problemática das vozes no ISD

Como vemos na figura acima, a categoria das vozes faz parte dos mecanismos enunciativos, juntamente com as modalizações. Para Bronckart (1999, p. 319), os mecanismos enunciativos:

[...] contribuem para a coerência pragmática do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamento, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático e, de outro, as próprias fontes dessas avaliações: quais são as instâncias que as assumem ou que se “responsabilizam” por elas?

Os mecanismos enunciativos oferecem grande contribuição para o estabelecimento da coerência interativa, pragmática ou configuracional do texto e também orientam o destinatário na interpretação do conteúdo temático dos mesmos. Segundo Lousada (2010), esses mecanismos dão clarificação dialógica ao texto por meio das vozes e das modalizações.

Qualquer texto, seja oral ou escrito, é, como já dissemos, um mediador de uma ação de linguagem, sendo este texto decorrente do acionamento de um conjunto de representações interiorizadas por um organismo. Disso, concluímos, num primeiro momento, que, do ponto de vista comportamental e mental, o organismo humano é o próprio autor, ou seja, aquele que está na origem do texto.

Deparando-se com uma dada situação de linguagem, o autor mobiliza suas representações a respeito do contexto físico e social, bem como seus próprios motivos e intenções que justifiquem sua intervenção. No entanto, essas representações de um agente particular estão em interação com as representações dos outros e, “mesmo quando são alvo de uma reorganização singular, resultante da dimensão experimental própria de cada pessoa, continuam portando os traços dessa alteridade constitutiva” (Bronckart, 1999, p. 321). Segundo esse ponto de vista, as noções, opiniões e os valores do agente-produtor do texto são sempre interativos, uma vez que se integram às representações dos outros, tendo que confrontá-las e

negociá-las. Sendo assim, as representações constitutivas da pessoa apresentam, portanto, um estatuto dialógico, como aponta Buber (2001), filósofo citado no ISD para a discussão das vozes. Ainda segundo Buber (2001, p. 57):

O homem se torna EU na relação com o TU. O face a face se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e nesta alternância que a consciência do EU se esclarece e se aumenta cada vez mais. De fato, ainda ela aparece somente envolta na trama das relações, na relação com o TU, como consciência gradativa daquilo que tende para o TU sem ser ainda TU. Mas, essa consciência do EU emerge com força crescente, até que, um dado momento, a ligação se desfaz e o próprio eu se encontra, por instante diante de si, separado, como se fosse um TU, para tão logo retomar a posse de si e daí em diante, no seu estado de ser consciente entrar em relações.

Ao ser semiotizada pelo autor, a ação de linguagem é colocada em interface com o que Bronckart (1999, p. 322) denomina de espaço mental coletivo, no qual os conhecimentos dos autores sobre o gênero textual escolhido se colocam em interface com os conhecimentos precedentes do gênero textual em uso, tanto em seus aspectos estruturais (propriedade linguísticas) quanto funcionais (indexação em determinadas situações de ação). Essas outras representações têm sede no próprio autor de tal maneira que o espaço mental coletivo é resultado do confronto das representações pessoais do autor e com a dos outros.

A transferência de responsabilidade do que está sendo enunciado, portanto, não é somente do autor, mas de outras instâncias do espaço mental coletivo, sendo esta uma “consequência necessária e inelutável de todo e qualquer funcionamento de um sistema semiótico” (Bronckart, p. 323).

Em todo texto, as vozes se responsabilizam pelo que é enunciado e podem ser reagrupadas em três subconjuntos: voz do autor empírico, vozes dos personagens e vozes sociais.

De acordo com Leite (2009, p. 42), a voz do autor empírico é procedente da pessoa que está na origem da produção textual e que intervém nesta produção para tecer comentários, esboçar opiniões, avaliar alguns aspectos do que é enunciado.

As vozes dos personagens são as vozes que procedem dos seres humanos (heróis presentes em relatos, narrações e interlocutores implicados em um discurso interativo dialogado), ou entidades humanizadas (por exemplo, os animais em cena em certos contos), implicados nos acontecimentos ou ações constitutivas do conteúdo temático do texto.

Por fim, as vozes sociais são vozes de outros personagens, grupos ou instituições sociais, que não intervêm como agentes no percurso temático do texto, mas são mencionadas como instâncias externas de avaliação de aspectos do conteúdo textual.

2. Análise das vozes em dois artigos de opinião

Nesta seção, propomo-nos a apresentar a análise das vozes presentes em dois artigos de opinião, um publicado no site do jornal “Folha de S. Paulo”² e outro no site do jornal “O Estado de S. Paulo”³. Os dois artigos discorrem sobre o mesmo conteúdo temático, a saber, os oito anos de Lula como presidente do Brasil. Verificaremos qual é a posição dos dois autores desses textos buscando mapear e caracterizar as vozes trazidas por eles, relacionando-as com a tese defendida em cada artigo de opinião.

Como já salientamos, o contexto de produção tem um papel fundador para a concepção de texto do ISD, uma vez que é por meio das representações que o produtor do texto tem, tanto a respeito do meio no qual ele está, quanto do meio ao qual ele vai se dirigir, que ele organizará o texto de um determinado modo. Assim, para começarmos nossa análise, deter-nos-emos na análise do contexto de produção dos dois artigos de opinião em questão.

O primeiro texto é intitulado “Lulamania, o teste”, publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, no dia 16 de dezembro de 2010, e foi escrito pelo jornalista Sérgio Malbergier. O artigo foi encontrado no *site* do

jornal, *Folha on-line*, na coluna do próprio jornalista. Sérgio Malbergier é conhecido por ser um admirador do governo Lula e de sua política econômica, tendo escrito outros artigos como, por exemplo, “Lula Gigante”, que mostra sua admiração pelo ex-presidente. O jornalista foi editor do caderno “Dinheiro” do jornal “Folha de S. Paulo”, informação pela qual podemos levantar a hipótese de que ele tem domínio sobre assuntos referentes a economia. Em contrapartida, quando o assunto tratado é o modo pelo qual Lula faz política, aliando-se a políticos mal vistos, o jornalista faz críticas negativas ao ex-presidente, como mostrou no artigo “Lula, a falha do Brasil”.

O segundo artigo tem como autor o economista Roberto Macedo e foi publicado no jornal *on-line* de “O Estado de S. Paulo”, na seção “Opinião”, no dia 6 de janeiro de 2011. Ao contrário de Sérgio Malbergier, Roberto Macedo é um crítico do governo Lula e da visão que o ex-presidente tem dos assuntos econômicos, tendo escrito, entre outros, o artigo “Com Lula, sem futuro”, no qual critica veementemente o ex-presidente.

Após a reflexão sobre o contexto de produção, analisaremos as seguintes vozes presentes nos textos:

voz dos próprios autores: que exprime a posição do autor do texto e sua tese de partida;

voz de Lula como personagem: que mostra Lula como um agente de ações;

voz da política brasileira (voz social): como uma instância na qual os autores se apoiam tanto para exprimir o ponto de vista quanto para regular as ações de Lula;

voz social dos supostos leitores dos jornais: como estes são considerados pelo produtor do texto.

- **Voz dos autores**

Consideramos, como voz do próprio, autor as passagens nas quais o jornalista e o economista interferem no conteúdo temático por meio do pronome “eu” ou “me” e apresentam suas teses, como:

(1) Os preconceituosos que *me* perdoem, *mas Lula foi o maior presidente do Brasil até aqui*. E justamente pelo motivo que o diferencia de todos os seus antecessores: *sua origem. Lula foi o nosso primeiro*

² Utilizaremos a sigla *FSP* para nos referirmos ao jornal “Folha de S. Paulo”.

³ Utilizaremos a da sigla *ESP* para nos referirmos ao jornal “O Estado de S. Paulo”.

presidente oriundo da base da base da pirâmide social (FSP).

(2) Se ouvido na última pesquisa sobre o desempenho do ex-presidente Lula, *eu* estaria entre os 17% que o viram de regular para baixo. Ao estudar, *fui* ensinado a não *me* iludir com aparências, e *o que predomina é uma versão de ótimo e bom que não corresponde aos fatos* (ESP).

Observando os dois fragmentos acima citados, vemos que são distintas as teses apresentadas nos dois artigos de opinião. Para Sérgio Malbergier, Lula foi o melhor presidente que o Brasil já teve desde a instauração da república até nos dias atuais. Os presidentes anteriores a Lula não vieram de classes desprivilegiadas da população, fato que, para o jornalista, faz do ex-presidente o melhor governante do país.

Para Abreu (2004, p. 37), a primeira condição da argumentação é ter definida uma tese e saber quais outras ideias esta tese refuta. No caso dos dois artigos em questão, a tese de Marbergier é uma resposta àqueles que não consideram Lula um bom presidente, quanto menos, o melhor presidente do Brasil, como é o caso do economista Roberto Macedo, que, como percebemos no fragmento (2), posiciona-se totalmente contrário à tese apresentada em (1). Para ele, os fatos mostram que pensar em Lula como um bom presidente é uma versão mentirosa, pois, segundo o autor, Lula fez apenas aparentemente um bom governo. No entanto, ao interpretarmos os fatos de uma maneira profunda (como ele fará no decorrer do artigo), veremos que a versão da bonança do governo Lula não passa de uma olhar ingênuo sobre os dados.

- **Voz de Lula como personagem**

No jornal “Folha de S. Paulo”

A voz de Lula como personagem é a mais corrente nos dois artigos analisados, nos quais são elencadas as ações do ex-presidente, que fazem os articulistas terem um posicionamento sobre essas ações. Este segundo tipo de voz encontrado pode ser visto no jornal “Folha de S. Paulo” em:

(3) *Ele trouxe um senso de urgência e uma visão do país que nossos outros presidentes não trouxeram: a do Brasil miserável, cujos problemas são urgentes há séculos e cujas soluções são a chave para o progresso* (FSP).

(4) *Lula entendeu finalmente que não a luta, mas a união de classes seria a chave do desenvolvimento brasileiro* (FSP).

(5) *Lula colocou os dois extremos do país no mesmo eixo de desenvolvimento* (FSP).

(6) *Seu abraço ao capitalismo anulou a bestialidade da esquerda, fechou o consenso em torno da estabilidade político-econômica e liberou o nosso potencial. Sua sensibilidade biográfica o levou a valorizar o salário mínimo, as transferências de renda e o controle da inflação. Mais de 30 milhões de brasileiros emergiram da pobreza ao consumo, fortalecendo nosso mercado interno e dinamizando toda a economia* (FSP).

Nos fragmentos (3), (4), (5) e (6), Sergio Malbergier mostra Lula como alguém que teve a capacidade, que nenhum outro presidente teve, de compreender os reais problemas do país. Ele foi capaz de notar que as disparidades sociais no país eram imensas e travavam o desenvolvimento da economia e o progresso do país. Para isso, Lula deixou de lado um discurso de outrora, no qual predominava uma crítica negativa ao capitalismo, e percebeu que somente por meio de uma distribuição maior de renda, da valorização do salário mínimo e do controle da inflação seria possível fortalecer e dinamizar o mercado e toda a economia.

No jornal “O Estado de S. Paulo”

A voz de Lula como personagem também pode ser encontrada no jornal “O Estado de S. Paulo” nos seguintes trechos:

(7) *Surfou em duas ondas muito favoráveis. A externa, um crescimento ímpar da economia mundial, trouxe não só um melhor desempenho do produto interno bruto (PIB), mas também a superação de grave problema com que o Brasil se deparava havia muitas*

décadas, a tal escassez de divisas, responsável por muitas crises econômicas... A outra boa onda foi no plano interno, vinda dos governos Collor, Itamar e FHC, com negociação da dívida externa, ajustes nas finanças públicas, inclusive privatizações, e abertura da economia (ESP).

(8) *Lula nunca reconheceu* bem essas boas ondas. Sofismando, *toma o que veio de bom depois dele como resultado de sua ação*. Como corolário, o ruim não é com ele (O ESP).

(9) *Ao administrar, foi um desastre na área de pessoal*, contratando mais sem maiores critérios, expandindo cargos providos sem concurso - em cuja elite hoje predominam companheiros sindicalistas -, *e pagando salários bem maiores que os do mercado de trabalho, agravados pela aposentadoria privilegiada, que não conseguiu resolver*. Também *tornou obscuras e mais frágeis as contas governamentais, até mudando critérios de avaliação do superávit primário e expandindo fortemente a dívida bruta, além de usar boa parte do primeiro dinheiro do pré-sal para tapar buracos nessas contas* (ESP).

Diferentemente das ações que emergem da voz de Lula vistas nos trechos anteriores, aqui, Macedo contra-argumenta as ações atribuídas a Lula por Malbergier. Para o economista, os avanços da economia não se deveram à capacidade sem igual de Lula para entender os problemas do Brasil, mas de um momento por que o mercado mundial passara e que possibilitou um intercâmbio comercial mais produtivo com outros países. Além do momento econômico favorável durante o qual o presidente governou, Lula foi herdeiro de benesses dos governos anteriores ao dele, que vinham seguindo um plano de ajustes internos no país no que tange à negociação da dívida pública, às privatizações e à abertura econômica.

O economista enxerga Lula como um péssimo administrador, pois, tendo aumentado os cargos públicos e valorizado o salário, Lula inflou a “máquina pública” e aumentou as contas do governo. Dessa forma, Roberto Macedo se contrapõe a Sergio Malbergier uma vez que este vê positivamente a valorização dos salários para o funcionamento de uma economia mais forte.

- **Voz social da política brasileira**

No jornal “Folha de S. Paulo”

Encontramos a voz da política brasileira como uma voz social, nos fragmentos que se seguem:

(10) Lula foi o *nosso primeiro presidente* oriundo da base da base da pirâmide social (FSP).

(11) *Como Vargas, pai dos pobres, mãe dos ricos, Lula* colocou os dois extremos do país no mesmo eixo de desenvolvimento (FSP).

(12) *Os 16 anos de Fernando Henrique Cardoso e Lula* deram ao país rumo claro e confiança para enfrentá-los (FSP).

No fragmento (10), o jornalista traz a voz de toda a política feita pelos ex-presidentes do país, mostrando que, como esses presidentes não são provenientes das classes sociais mais baixas, eles foram incapazes de compreender os reais problemas do país. Para Malbergier, foi com Lula que os problemas do Brasil foram enfrentados pela primeira vez, pois Lula é proveniente de classe social baixa.

Ao comparar o presidente Vargas com o presidente Lula, o jornalista diz que este atendeu tanto às necessidades dos trabalhadores mais pobres quanto foi solícito aos pedidos dos mais abastados. O presidente Vargas, no contexto mais específico que recebeu a perfrase do fragmento (10), praticava uma política populista voltada para as classes mais baixas por meio de discursos abordando projetos de inclusão social que, aparentemente, reforçavam a ideia de que iria emergir no Brasil o *status* de uma nação promissora. Simultaneamente às concessões para as classes trabalhadoras (pai dos pobres), Vargas utilizava essas concessões como meio de controlar os trabalhadores e impedir reivindicações mais profundas (mãe dos ricos).

Ao atentarmos para o fragmento (12), notamos que o jornalista somente cita a contribuição do governo FHC para o enfrentamento dos problemas do país, mas não clarifica quais foram essas contribuições, o que deixa claro, depois da voz de Lula que já abordamos, que o mérito do crescimento do país é exclusivamente de Lula.

No jornal “O Estado de S. Paulo”

(13) *vinda dos governos Collor, Itamar e FHC*, com renegociação da dívida externa, ajustes nas finanças públicas, inclusive privatizações, e abertura da economia, dando-lhe maior estabilidade e eficiência (ESP).

(14) Emblemático disso foi *que seu outrora inimigo político José Sarney* fez questão de acompanhá-lo na viagem de saída (ESP).

(15) No plano ético, procurou justificar o injustificável, como o *mensalão* e outros deslizes de companheiros (ESP).

Ao contrário de Malbergier, Roberto Macedo, no trecho (13), especifica quais foram as contribuições que Lula herdou dos governos anteriores e mostra que o momento favorável que a economia passou no governo não se deveu somente a ele.

A voz da política brasileira posta remete-nos a todos os ajustes e planos elaborados no governo Collor com o objetivo de promover um choque na economia visando a reduzir a inflação; as propostas de Itamar Franco que objetivavam a concessão de crédito para empresas e o estímulo ao mercado interno para que concorressem com o mercado externo; e, sobretudo, o plano de estabilização monetária operado no governo FHC.

Nos fragmentos (14) e (15), o economista traz a voz da política brasileira corrupta, como percebemos nos trechos, e marcada por interesses políticos para aproximar Lula desse tipo de prática política. Sergio Malbergier, em seu artigo, não traz essa voz da política brasileira, pois, como já sabemos, ele não argumenta a favor de Lula ao tratar dos escândalos e ligações políticas do ex-presidente.

- **Voz dos leitores do jornal “Folha de S. Paulo”**

(16) *Os preconceituosos que me perdoem*, mas Lula foi o maior presidente do Brasil até aqui (FSP).

(17) Ouso dizer que vamos sentir saudades do presidente, *mesmo aqueles que amam odiá-lo* (FSP).

Como podemos notar nesses fragmentos do artigo da FSP, o autor do texto parece conhecer o perfil dos leitores do jornal em que escreve. Assim, encontramos a voz social deste público leitor no artigo de opinião em questão. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Datafolha, em 2007, sobre o perfil dos leitores do jornal, sabemos que aqueles que leem a FSP estão no topo da pirâmide social brasileira e têm ensino superior completo, além de pertencem às classes A e B, ou seja, são leitores que pertencem à elite da sociedade brasileira.

Em muitos dos seus discursos, Lula criticava de forma direta a “elite brasileira”, acusando-a de impedir o crescimento do país e as políticas públicas criadas pelo governo para atender às necessidades dos mais carentes.

O jornalista Sérgio Malbergier, tendo em vista o papel social dos interlocutores e alguns dos valores dos leitores do jornal, sabe que o ponto de vista que defende é contrário ao de seu público, tanto que convoca a voz desse público para o texto como vemos em (16) e (17).

No artigo do ESP, não encontramos a voz dos supostos leitores do jornal no decorrer do texto.

Considerações finais

A análise que apresentamos teve o objetivo de ilustrar o procedimento teórico-metodológico de análise das vozes presentes em um texto pelo prisma do ISD. Vimos, na seção 1, que, embora o ISD postule e traga à tona uma dimensão psicológica do agente produtor do texto, a teoria não o considera como o único responsável pelo que está enunciado; muito pelo contrário, Bronckart (1999) defende, tendo em vista outros trabalhos como Bakhtin (1997), Buber (2001) e Ducrot (1984), que o texto é um espaço habitado por vozes explícitas e/ou implícitas e que estas contribuem seja interferindo sobre o conteúdo temático, seja como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos desse conteúdo.

Assim, acreditamos que nosso trabalho coloca em evidência a importância de se trabalhar o funcionamento das vozes em textos da mídia no âmbito

da escola, mostrando que o texto é habitado por vozes alheias, carregadas de sentidos. O artigo de opinião, especificamente, é um texto no qual o produtor está a todo instante negociando com as vozes presentes no texto, ora aceitando-as, ora refutando-as e, dessa forma, construindo o seu ponto de vista. ■

Referências

- Abreu, Antônio Suárez
2004. *Arte de argumentar, gerenciando razão e emoção*. 7. ed. Cotia: Ateliê Editorial.
- Bakhtin, Mikhail
1997. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, [1953].
- Bronckart, Jean-Paul
1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ.
- Bronckart, Jean-Paul
2003. Gêneros textuais, tipos de discursos, e operações psicolinguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, p. 49-69.
- Bronckart, Jean-Paul; Machado, Anna Raquel
2004. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho do professor. In: MACHADO, A. R. (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel.
- Bronckart, Jean-Paul
2006. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas: Mercado de Letras.
- Bronckart, Jean-Paul
2008. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria Lucia Meirelles Matêncio. Campinas: Mercado de Letras.
- Buber, Martin
2001. *Eu e Tu*. 8. ed. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Editora Centauro.
- Cunha, Dóris de Arruda Carneiro da
2005. O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: Dionísio, Angela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Ducrot, Oswald
1984. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.
- Leite, Ângela Maria Ribeiro Vilas Boas
2009. *Os mecanismos enunciativos no estudo de contos brasileiros em livros didáticos para o ensino médio*. Belo Horizonte, 222f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais.
- Leitor da Folha está no topo da pirâmide social brasileira. *Folha de S. Paulo* (on-line). Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2007/11/11/2/5221317>>. Acesso em: 20 maio 2011.
- Lousada, Eliane Gouvêa
2010. A abordagem do interacionismo sociodiscursivo para a análise de textos. In: Cunha, C. L.; Piris, E. L.; Carlos, J. T. (Org.). *Abordagens metodológicas em estudos discursivos*. São Paulo: Editora Paulistana. Disponível em: <<http://www.epedusp.org/IIepedlivro/index.htm>>.
- Malbergier, Sérgio
Lulamania, o teste. *Folha de S. Paulo* (on line). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergiomalbergier/846526-lulamania-o-teste.shtml>>. Acesso em: 18 dez. 2010.
- Macedo, Roberto
Lula, nem ótimo nem bom. *O Estado de S. Paulo* (on line). Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,lula-nem-otimo-nem-bom,662657,0.htm>>. Acesso em: 8 jan. 2011.

Dados para indexação em língua estrangeira

Santos, Thiago Jorge Ferreira

The play of voices in the opinion texts and the constitution of the point of view

Estudos Semióticos, vol. 8, n. 1 (2012), p. 148-157

ISSN 1980-4016

Abstract: *This paper is the product of our Undergraduate Research, which aims to analyze the way in which writers, within their social places, build and defend their point of view in opinion texts, mobilizing structures of the language. For the analysis, we used the theoretical and methodological framework from Socio-discursive Interactionism (SDI) (Bronckart, 1999, 2003, 2004, 2006, 2008) called the "text layering", in which three layers are analyzed: the general structure of the text (the thematic content plan, the types of discourse and textual sequences), mechanisms of textualization (connection, nominal cohesion and verbal cohesion) and enunciative mechanisms (voice and modes). In this sense, this article aims to present the Socio-discursive interactionism approach to analyze two texts belonging to opinion article genre, articulating it with the construction of the point of view in these texts. The texts were extracted from the newspapers "Folha de S. Paulo" and "O Estado de S. Paulo". In order to that, first, we will present the definition of Socio-discursive interactionism within the general framework of social interactionism and the theses of the theory. After that, we will present the model of texts analysis and discursive analysis, emphasizing the way that the theory deals with the question of voices. Finally, we will analyze two texts in order to exemplify the reflections of Socio-discursive Interactionism for the treatment of voices.*

Keywords: *management of voices, opinion article genre, textual genre, Sociodiscursive Interactionism, point of view*

Como citar este artigo

Santos, Thiago Jorge Ferreira. O jogo de vozes no texto de opinião e a constituição do ponto de vista. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores responsáveis: Franciso E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 1, São Paulo, junho de 2012, p. 148-157. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 19/12/2011

Data de sua aprovação: 04/06/2012
